

## CO 3 - PSICANÁLISE E MODA: FUNÇÃO MATERNA E FUNÇÃO PATERNA

### *CO 3 - Psychoanalysis And Fashion: Maternal And Paternal Function*

PINHEIRO, Ivo Rafael; Psicólogo Clínico, ivorpinheiro@gmail.com<sup>1</sup>  
FREIRE, Renata Santiago; Especialista Docente; Universidade de Fortaleza  
(UNIFOR), modaparamim@gmail.com<sup>2</sup>

#### **Resumo**

A pesquisa realizada é orientada com o intuito de relacionar os conceitos de função materna e função paterna com a moda sob o olhar da psicanálise tendo como objetivo pensar como, a moda, encarada como forma de expressão, estrutura suas relações exercendo tais funções no indivíduo. Unir moda e psicanálise é enriquecedor para o debate de novas contextualizações históricas, culturais, sociais e subjetivas.

**Palavras chave:** Moda, Psicanálise, Cultura.

#### **Abstract**

The research is oriented in order to relate the concepts of maternal and paternal function with fashion under a psychoanalysis look aiming to think how, fashion, faced as a form of expression, structures its relationships exercising such functions in the individual. Uniting fashion and psychoanalysis is enriching for the discussion of new historical, cultural, social and subjective contextualization.

**Keywords:** Fashion, Psychoanalysis, Culture.

<sup>1</sup>Psicólogo Clínico com Especialização em Psicoterapia Psicanalítica. Graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

<sup>2</sup>Especialista em Gestão do Design de Moda, Consultoria de Imagem e na Teoria Psicanalítica. Graduada em Design de Moda pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Curso de Design de Moda na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e Faculdade Farias Brito.

## 1. Introdução

O presente artigo científico tem a intenção de analisar como que a moda pode exercer a função materna e a função paterna sob a ótica psicanalítica. Para isso, relacionaram-se conceitos psicanalíticos buscando compreender a inter-relação entre moda e sujeito.

A moda é acompanhada de efeitos ambíguos, seguindo a lógica da inconstância e ao mesmo tempo, agindo na expressão da individualidade. Para Navarri (2010), a linguagem da moda é a do imperativo a qual nos submetemos e dificilmente conseguimos escapar. Lipovetsky (1989) defende que a moda atua diretamente no processo de socialização dos homens já que a mesma encontra-se no comando das sociedades ditando padrões estéticos e comportamentos.

Mauriès apud Navarri (2010) defende que a moda não representa uma entidade em si, mas sim atua como uma função psicológica apontando referenciais sobre a identidade e o domínio da aparência, sobre a pressão da repetição, ou até mesmo da dependência. Diante disto, podemos problematizar sobre quais impulsos, ou melhor, quais jogos pulsionais e funções estão engajados na dinâmica da moda.

Esta pesquisa encara a moda como uma forma de expressão dos processos inconscientes do indivíduo sabendo que no mesmo sujeito são possíveis vários agrupamentos psíquicos que podem permanecer mais ou menos independentes um do outro (Freud, 1910). A representação e materialização da moda pode ser encarada como um espelho do sujeito e da sociedade a qual ele pertence.

A moda cria uma identidade mutável, simplesmente por pregar posições que o sujeito deve ou não adotar. Através da sua linguagem visual, tão carregada de significações nos mostra características de um indivíduo assim como as transformações de uma sociedade. A roupa, objeto visível de estudo da moda e mais ainda, a maneira de vestir essa roupa, representa uma manifestação de ligação entre o sujeito e o mundo, revelando o sujeito e suas relações de objeto.

A psicanálise é um método de investigação teórico criada por Sigmund Freud (1856-1939) constituindo uma teoria da personalidade que retrata

estruturas mentais, buscando estudar o comportamento humano. A psicanálise é encarada como uma teoria se transformando também em prática (método de tratamento de transtornos mentais) assim como método de pesquisa que pretende explicar o funcionamento da mente humana (BORGES, 2005).

Segundo Freud (1910), são dois os fundamentos básicos da teoria psicanalítica: o aparelho e processos psíquicos são constituídos por materiais de origem inconsciente; portanto, a consciência não é mais do que uma fração de nossa vida psíquica total. Os processos psíquicos inconscientes são dominados por nossas tendências sexuais.

Ao legitimar a suposição do inconsciente, Freud (1915) defende que a nossa experiência cotidiana mais pessoal nos familiariza com pensamentos espontâneos cuja origem não conhecemos e com resultados intelectuais cuja elaboração permanece oculta para nós. Ressaltando ainda que (p.101): “Os dados da consciência têm muitas lacunas; verificando com frequência atos psíquicos que pressupõem, para sua explicação, outros atos que a consciência não dá testemunho”.

Resumindo as características que podemos esperar nos processos do sistema inconsciente: a ausência de contradição, processo primário (mobilidade dos investimentos), atemporalidade e substituição da realidade externa pela psíquica.

Para Freud (1910) podemos descrever o tratamento psicanalítico como uma continuada educação que tem como objetivo superar os resíduos infantis. Vale ressaltar que a psicanálise toma como base o Complexo de Édipo visto como um desejo infantil de tomar para si a figura parental do sexo oposto projetando sentimentos hostis à figura parental do mesmo sexo. Como exemplo pode-se citar: o menino percebe que o pai é obstáculo para ele e a mãe, interditando seu desejo. Dessa forma, sua identificação com o pai adquire uma tonalidade hostil.

O mito do rei Édipo, que mata seu pai e toma por esposa a mãe, constitui uma revelação ainda pouco modificada desse desejo infantil, que depois é rechaçado pela barreira do incesto. A peça Hamlet, de Shakespeare, tem raízes no mesmo terreno do complexo do incesto, que ali é mais encoberto. (FREUD, 1910, p.275)

Aspectos como a cultura e a sexualidade são essenciais para o entendimento dos fundamentos psicanalíticos. Utilizando a fala como meio, se propõe a verificar os discursos do sujeito através das manifestações do inconsciente (visto como a instância que contém aspectos ocultos ao consciente, mas influenciadores de todo o resto): como os sonhos, os chistes, os esquecimentos e os atos falhos.

Vale ainda ressaltar que segundo as ideias psicanalíticas, nosso corpo é pulsional, ou seja, busca tanto satisfazer suas necessidades fisiológicas como obter prazer através do toque, do olhar e do desejo do outro. Entendendo desejo como a manifestação das necessidades do homem moldadas pela cultura em que vive e personalidade que possui (BRAGUIROLI, 1990). Dessa forma, temos um ego antes de tudo corporal (FREUD, 1905), um corpo simbólico, pertencente à linguagem, e entender como esse corpo busca meios de expressão é fundamental para a compreensão da subjetividade.

Foi realizada uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo por se tratar da compreensão de fenômenos sociais situados no tempo. Como a moda exerce a função materna e como se dá a dinâmica da moda ao exercer a função paterna sob a ótica psicanalítica são questionamentos que moveram esta pesquisa.

O procedimento técnico utilizado neste trabalho é uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de investigar as várias temáticas envolvidas no artigo através da perspectiva de diferentes autores constantes em livros, periódicos e demais artigos científicos.

Vale ressaltar que tal procedimento é indispensável, pois: "coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse". (CRUZ, 1994, p. 53)

Acredita-se na relevância dos dados obtidos na revisão bibliográfica para a ciência e teorização da relação da moda com os conceitos psicanalíticos abordados. Tal estudo é de extrema relevância para a melhoria do conhecimento científico e pode abrir horizontes para diversas pesquisas futuras já que relaciona a moda tanto aos seus atores sociais ligados diretamente ao vestuário (criadores e consumidores) quanto a profissionais e pesquisadores ligados a psicologia, filosofia, comunicação, arte, etc.

Quando relacionada com a teoria psicanalítica, busca-se enriquecer a compreensão do fenômeno da moda que pode ser analisada como um sistema todo poderoso, exercendo tanto a função materna quanto paterna, oferecendo um leque de imitações, possibilidades criativas, leis, regras e autoridades que auxiliam na estabilização da identificação.

Atua como se oferecesse para o indivíduo direções sobre o que pode ser feito atuando diretamente nos processos de subjetivação desse sujeito. Coelho (1996, p.17) defende que: “A moda pode ser vista como mãe sedutora dando à mulher excitação, prazer, completude e aprisionamento”.

Ademais, busca-se compreender como que o olhar psicanalítico apresenta a moda como uma possibilidade de expressão para o sujeito através das funções que a mesma exerce. Com base nessa linha de raciocínio, o vestir se configura como uma maneira de conhecer e expressar seus desejos, manifestando assim o sujeito na realidade individual, cultural e social em que ele habita.

## **2. Função materna e função paterna**

Para a psicanálise, as funções materna e paterna são funções consideradas necessárias para a estruturação e desenvolvimento do psiquismo da criança. São funções de ordem prática (Borges, 2005) que possuem uma série de diferentes atributos de acordo com a fase de desenvolvimento da criança e são exercidas por adultos tutelares (mãe e pai, biológico ou adotivo).

Vale ressaltar que tais funções (materna e paterna) não necessariamente estão vinculadas ao gênero de quem as exerce ou a modelo tradicional familiar. Sabe-se que a criança estabelece conexões com as funções materna e paterna e suas relações de objeto futuras são derivadas dessas primeiras vivências. Freud (1910, p.274) afirma que: “A escolha de objeto primitiva da criança deriva de sua necessidade de amparo. Ela se volta inicialmente para todas as pessoas que cuidam da criança, mas logo essas dão lugar aos pais”.

Freud (1910) cita ainda que a criança toma o pai e a mãe como objeto de seus desejos eróticos respondendo ao estímulo dos próprios pais. Destaca que os sentimentos despertados na relação entre pais e filhos são de natureza

não só positiva, afetuosa, mas também negativa, hostil. Sendo que (idem, p.275): “O complexo formado durante essas relações e exercício de função tem um efeito grande e persistente a partir do inconsciente”.

Para Freud (1914) as pessoas encarregadas da nutrição, cuidados e proteção da criança tornam-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui. Vale ressaltar que as funções materna e paterna estão presentes desde os primórdios da constituição do indivíduo e têm diferentes significados na constituição do psiquismo da criança. Esse tipo de apoio gera no futuro as escolhas de objeto, sendo de enorme contribuição para o conhecimento do outro.

Dizemos que o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, e nisso pressupomos o narcisismo primário de todo indivíduo, que eventualmente pode se expressar de maneira dominante em sua escolha de objeto. (FREUD, 1914, p.34)

Segundo Borges (2005), há um consenso na psicanálise quanto ao fato da função materna e da função paterna terem um papel central no desenvolvimento e estruturação do psiquismo da criança e na formação da personalidade do adulto. Podemos também pensar a moda como uma possibilidade de posicionamento, desenvolvimento e estruturação na medida em que o que escolho para vestir representa de alguma maneira a minha visão do mundo, de mim mesmo e do outro proporcionando identificação.

Em nossa vida cotidiana, as trocas de olhares que buscamos carregam os traços daqueles que nós interiorizamos desde que nascemos. Um olhar “novo” sobre si, como a moda propõe, e talvez a busca do desejo de reencontrar aquele olhar que pousou sobre nós desde o nascimento até os primeiros anos de infância quando éramos, então, a “criação” mais nova da existência de nossos pais e abríamos nossos olhos para o mundo. (NAVARRI, 2010, p.35)

A identidade de cada sujeito é formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato. Para Freud (1921) a identificação se constitui como a mais antiga forma de ligação afetiva sendo que tais identificações são geradas a partir da cópia das pessoas que exercem funções parentais no indivíduo. Vale ressaltar que (idem, p.65): “A identificação é a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto; segundo, por via

regressiva ela se torna o substituto para uma ligação objetal libidinosa, como que através da introjeção do objeto no EU”.

Acredita-se que a lógica da moda segue pregando posições que o sujeito deve ou não ter. Dando ao sujeito imposições de identidades que o defina, identidade essa sempre mutável e suscetível aos valores da moda: sejam eles sociais, econômicos, tecnológicos, simbólicos e culturais por exemplo. Para Freud (1921, p.60), a psicanálise conhece a identificação como: “a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa. Ela desempenha um determinado papel na pré-história do Complexo de Édipo”.

Salienta-se que a aparência exerce um poder social perante a sociedade atual (LIPOVETSKY, 1989), sendo assim de extrema relevância analisar a sua compreensão assim como relacioná-la a outros saberes como a psicanálise. Sobre as finalidades do vestir e o reconhecimento de si, Coelho (1996, p.50) argumenta: “uma das finalidades do vestir, entre tantas, como podemos constatar através da história, parece ser a demonstração de poder e autoridade, concretizando de certa forma alguma imagem psíquica pessoal.”

Klein (1981) articula sobre a importância da função materna no sentido da mãe ser receptáculo das angústias e do desamparo inicial da criança. Sendo assim, a função materna para a autora tem o sentido de alguém que propicie alívio às ansiedades excessivas, discriminando-as e auxiliando o bebê no contato com seu mundo interno e com a realidade. A autora ainda defende que a função materna pode ter importante relação com a capacidade de criação do indivíduo.

Para Bion (1966) a função materna auxilia na continência das angústias e das vivências de desamparo da criança, cujo aparelho psíquico em formação não tem capacidade de conter, elaborar e pensar. A função materna estabelece condições apropriadas para o bebê se desenvolver.

A função paterna está ligada à inserção na cultura, interdição, separação, coerção e enquadramento. Gutman e Gaspari (1996) levantam outro aspecto relacionado à função materna e paterna que é a noção de filiação. É o desempenho das funções materna e paterna que possibilita à criança a conquista do desenvolvimento do sentimento de autonomia e a conquista do pensamento abstrato que se dá na possibilidade de um encontro com o pai.

A função materna na visão de Winnicott (1980) é a de exercer o papel de “ego auxiliar” para que o bebê possa ir desenvolvendo gradativamente o seu “self”. Através desta função da mãe o bebê irá desenvolver de forma gradual seu ego na medida em que vai aprendendo a lidar com o mundo interno e externo (realidade) utilizando cada vez mais seus próprios recursos.

O verdadeiro “self” segundo Winnicott (1980) é o desenvolvimento de um eu genuíno, respeitando as características próprias do sujeito, resultado de uma relação com a mãe que aceita e reconhece os gestos espontâneos da criança. O mesmo autor salienta que as funções materna e paterna são responsáveis pelo aspecto essencial da identificação.

Observa-se, portanto, que as funções parentais estão profundamente imbricadas na formação do ego da criança. Para Winnicott (1980), o ego materno age complementando o ego da criança através dos cuidados como alimentação, calor e afeto. Sendo assim, a mãe acaba por “emprestar” seu corpo temporariamente, permitindo à criança a ilusão, necessária a seu desenvolvimento, de que ela e mãe são uma só.

Borges (2005) ressalta que é no território das trocas afetivas e emocionais que cercam as figuras parentais e o filho que vão se dando a linguagem dos desejos e das necessidades. A autora ainda cita que a capacidade de identificação com a criança é o fator preponderante no exercício das funções materna e paterna sendo ambas necessárias à formação e estruturação do ego.

É inevitável, e inteiramente normal, que a criança tome os pais como objetos de sua primeira escolha amorosa. Mas sua libido não deve permanecer fixada nesses primeiros objetos, deve apenas tomá-los depois como modelos e passar deles para outras pessoas, na época da escolha definitiva de objeto. (FREUD, 1910, p.276)

Por fim, ressalta-se que falhas no desempenho da função materna e da função paterna podem interferir na articulação e elaboração da identidade, e, por conseqüência, no desenvolvimento mental da criança (BORGES, 2005). As funções maternas e paternas estão, portanto, diretamente relacionadas ao exercício de interdição do incesto e separação da díade mãe-criança, na introdução da criança no mundo, na cultura, através do processo de auxiliá-la em seu desenvolvimento gradual, a ir se individualizando.



### **3. Função materna e a função paterna exercida pela Moda sob a ótica psicanalítica**

Acolhimento, filiação, nomeação, linguagem e dar significado criando referenciais identitários são algumas das funções maternas exercidas pela moda. Com relação às funções paternas exercidas pela moda, podemos citar a inserção na cultura, filiação, interdição, separação, coerção e enquadramento.

Uma das importantes atribuições da função materna é antecipar as necessidades da criança, assim como a moda o faz com a criação e antecipação de novas tendências a cada estação. A moda prevê para o indivíduo da mesma forma que a mãe prevê para o bebê a fim de proporcionar o alívio de suas necessidades e desejos.

Ela ama de um modo físico, proporciona contato, calor corporal, movimento e quietude de acordo com as necessidades do bebê. Aos poucos ela vai introduzindo o mundo externo, compartilhado, graduando cuidadosamente essa introdução de acordo com as necessidades do bebê, que variam dia a dia e de hora em hora. (WINNICOTT, 1948, p.237)

Winnicott (1948) aponta para a importância da tarefa da mãe no processo de desenvolvimento do sujeito na medida em que ela cheira, providencia cuidados, ama, acolhe e está ali para todos os modos possíveis. Sua falta acarreta em sentimentos desagradáveis para o bebê que em sua ausência pedirá socorro ao mundo exterior.

Nesse contexto problematizamos a ligação do ato do consumo de moda na contemporaneidade como um desligamento das necessidades e relaxamento de tensões: “Quando as necessidades do bebê são preenchidas, ou seja, quando ele se sente aquecido, confortável, com sensações gástricas agradáveis, ele retira o seu interesse do mundo objetivo e adormece” (WINNICOTT, 1948, p.237).

A função do pai acaba sendo a função de interditar, impor, tirar o indivíduo do gozo. Como exemplos do exercício da função paterna podemos destacar o fato da existência de tendências sazonais coercivas assim como códigos do vestuário exigidos por determinados ambientes e tribos que

obrigam e enquadram o sujeito dentro do que é socialmente estabelecido e validado pelo sistema moda.

Salienta-se para o fato de o indivíduo nessa inter-relação com a moda necessitar dos cuidados e exercícios da função materna e função paterna realizadas pela mesma, na medida em que o indivíduo pós-moderno quer fazer parte do ideal da moda, sendo, nesse ideal, local onde ele se reconhece. A cada hora um novo símbolo identitário aparece para fazer com que o ciclo de pertencimento e aprisionamento se repita.

Observa-se que a moda acaba por estruturar o ego na medida em que proporciona identificação. Pode-se então pensar que a moda também representa uma forma de sublimação (transformação das tendências sexuais em algo de natureza prática e real) das necessidades sexuais, auxiliando o sujeito na realização de suas manipulações a fim de satisfazer as expectativas de realização e investimento libidinal.

Freud (1914) cita a sublimação como uma capacidade especial de substituição da meta sexual por uma mais distante, nobre, útil e socialmente valiosa sendo que as maiores conquistas da civilização se devam aos aportes de energia para nossa realização psíquica.

Segundo a psicanálise, as pessoas investem em si seguindo os padrões da moda na busca pelo investimento do olhar e desejo do outro (COELHO, 1996). Desejamos, avidamente, através da nossa pulsão escópica (vontade, desejo de olhar e ser visto), um olhar desejante (olhar esse que certifica nossa existência) que funciona como um prolongamento do tato simulando o acolhimento materno.

O que alimenta a moda é a vontade de olhar e ser olhado: característica forte do comportamento da modernidade e pós modernidade. A moda apresenta mudança constante de gostos, hábitos e comportamentos atuando de forma imperativa e hegemônica (LIPOVETSKY, 1989). Sendo assim, enquanto função paterna e materna, a moda representa um elemento civilizador, formador de costumes sociais e de sociabilidade.

Portanto, a moda seria uma maneira de estruturar o ego do sujeito, num eterno jogo de sedução onde será sempre mantida a ativa esperança de encontrar aquilo que lhe falta. Para Coelho (1996, p.52): “Neste jogo as

mulheres são mestras e a moda também, pois a primeira espera receber o que sabe que não tem, e a segunda promete o que não dá”.

A cada nova moda, o sujeito pode encontrar o seu algo perdido, aliviando de certa forma a sua angústia: uma verdadeira ilusão de completude. Sendo que (COELHO, 1996, p.101): “A mulher evoca poeticamente a moda para levá-la ao seu próprio mundo mítico, mundo encantado, onde ela poderá se vislumbrar e se entrever com todas as possibilidades”.

Atribuindo poderes míticos às roupas, os sujeitos costumam projetar a imagem que querem que os outros tenham de si em suas simples escolhas do dia a dia.

A moda funciona como uma mãe sedutora dando à mulher excitação, prazer, completude e aprisionamento. Sendo assim múltiplos e inesgotáveis os caminhos que a mulher pode utilizar o seu vestir como mostruário de seu desenvolvimento, de suas procuras e emoções. (COELHO, 1996, p. 46)

O discurso de moda influencia e impõe imagens a serem seguidas exploradas nos desfiles, comerciais e revistas de tendências. A moda também proporciona um investimento em si através da auto-observação e comparação constante com os modelos e imagens lançadas a cada nova estação. Mesmo nos casos em que o sujeito imagina não seguir os padrões estipulados pela moda, ele está inserido nesta cultura que tenta negar assim como inconscientemente busca acolhimento, pertencimento, filiação e interdição: características importantes exercidas pela função materna e função paterna no desenvolvimento psíquico.

#### **4. Considerações Finais**

A moda, analisada pelo viés psicanalítico, surge como um verdadeiro meio de existência no contexto contemporâneo, já que através de uma posição tanto materna quanto paterna, oferece ao indivíduo estilos a que ele possa imitar, regras a que ele tenha de seguir e uma autoridade refletida em padrões

estéticos que devem ser seguidos: cuida, protege e veste prazerosamente, sendo assim uma forma de estruturar o ego do sujeito, num jogo de sedução.

Interessante refletirmos sobre o que a função materna e a função paterna sob a ótica psicanalítica representam para a moda: seja uma moda mãe (proporcionando acolhimento, pertencimento e expressão) ou quem sabe uma moda pai (proporcionando lei, autoridade, sociabilidade) que lhe dite o que vestir e o que fazer.

A moda se constitui num meio de existência na contemporaneidade se fundamentando em imposições, rejeições, acolhimento que são manifestados através das identificações com as figuras parentais. Portanto, podemos inferir que o sujeito percorre a moda em busca de si mesmo constituindo sua identidade através da atuação das funções materna e paterna. Entende-se, dessa forma, que pelo viés psicanalítico a moda pode ser interpretada como uma substituta da mãe ao oferecer imitação assim como uma substituta da lei do pai.

Busca-se contribuir com essa área de estudo na formação de estudiosos de moda, psicologia, filosofia e afins, considerando tal assunto de extrema relevância tanto acadêmica quanto social devido ao seu rico caráter cultural e interdisciplinar.

## **Referências**

BION, W. R. **Os elementos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

BORGES, M. L. **Função Materna e Função Paterna, suas vivências na atualidade**. Disponível em <[http://www.bdttd.ufu.br/tde\\_arquivos/21/TDE-2005-12-21T145321Z-63/Publico/MBorgesDISSPRT.pdf](http://www.bdttd.ufu.br/tde_arquivos/21/TDE-2005-12-21T145321Z-63/Publico/MBorgesDISSPRT.pdf)>. Acesso em: 05/01/2016.

BRAGUIROLI, M. **Psicologia Geral**. Porto Alegre: Editora Vozes, 1990.

COELHO, Maria José. **Moda um enfoque psicanalítico**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda, 1996.

CRUZ, O. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: Minayo, Maria Cecília de Souza. (Org). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREUD,S. **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade**; In: Obras Completas. Rio de Janeiro: IMAGO, 1905.

FREUD,S. **Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva, uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos (1909-1910)** / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza., 2013. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das letras, 1910.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo: ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)** / Sigmund Freud ; tradução e notas Paulo César de Souza., 2010. São Paulo: Companhia das Letras, 1914.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Sigmund Freud ; tradução Paulo César de Souza., 2011. São Paulo: Companhia das Letras, 1921.

GUTMAN, J.; GASPARI, R.C. **Funcion paterna. Dos modalidades de circulación: renuncia y cesion**. In: BERENSTEIN, I. et al. Família e inconsciente. Buenos Aires: Paidos, 1996.

KLEIN, M. **Contribuições à psicanálise**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

LIPOVETSKY, G., 1989. **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras.

NAVARRI, P. **Moda & Inconsciente: olhar de uma psicanalista** / Pascale Navarri; tradução de Gian Bruno Grosso. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

WINNICOTT, D.W. **A família e o desenvolvimento do indivíduo**. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

WINNICOTT, D.W. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1948.